

9º Enlihpe. São Paulo, 24-25/8/2013.

“O que é pesquisar a sobrevivência?”

Silvio Seno Chibeni

Departamento de Filosofia - Unicamp

www.unicamp.br/~chibeni

Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp

www.geeu.net.br

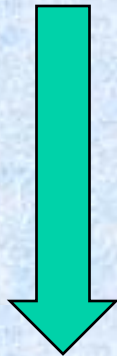
pesquisar a sobrevivência

pesquisar a sobrevivência



do que?

pesquisar a sobrevivência

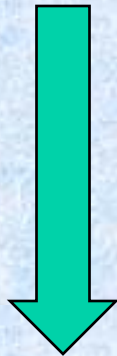


como?



do que?

pesquisar a sobrevivência



como?

II



do que?

I

I – sobrevivência do homem*

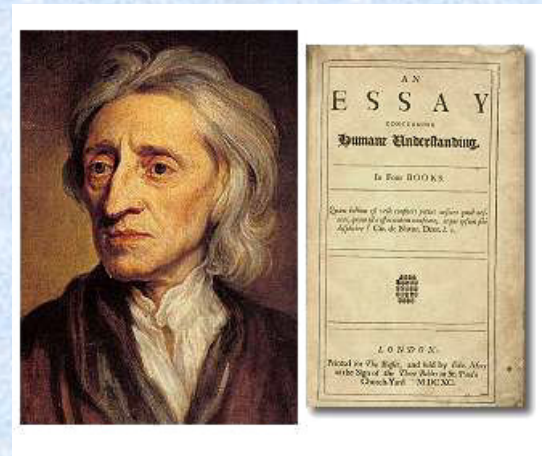
1. O que se entende por “homem”?
2. O que sabemos sobre o homem?

Senso comum e epistemologia moderna:

O conhecimento se funda na experiência:

- sensação
- reflexão (introspecção)

(John Locke,
*An Essay concerning
Human Understanding*, 1690)



O produto da experiência

- Gregos: “fenômenos”
- Modernos (Descartes, Locke, etc):
“ideias”

→ são os “materiais” de todo o conhecimento

fenômenos

cores

sons

formas

movimentos

calor e frio

sabores

odores

pensamentos

vontade

sentimentos

explicações

filosóficas

(Causas metafísicas)

Substância material
("matéria")

Substância espiritual
("espírito")

Teorias filosóficas (metafísicas)

- **Materialismo**

só há substâncias materiais (e.g. Hobbes)

- **Idealismo**

só há substâncias espirituais (e.g. Berkeley)

- **Dualismo**

há os dois tipos de substância (e.g.
Aristóteles, Descartes)

- **Ceticismo***

não podemos determinar isso (e.g. Locke,
Hume)

Essa questão das “substâncias” é indecidível pela evidência empírica e argumentos lógicos

Ver as críticas pioneiras de John Locke (séc. XVII) e David Hume (séc. XVIII)

- **Chibeni: “Locke e o materialismo”, 2007, disponível no site www.unicamp.br/~chibeni**

Locke e Hume:

Abordagem diferente para o estudo do homem

- **Locke: “historical, plain Method”**
(*Essay*, Epistle to the Reader)
- **Hume: “mental geography”**
(*An Enquiry concerning Human Understanding* (1748), 1.13)

Locke: “método histórico, direto”

- **Não me envolverei agora com considerações físicas sobre a mente, nem me perturbar examinando em que sua essência consiste, ou por que movimentos de nossos espíritos [animais] ou alterações de nossos corpos vimos a ter sensações por meio de nossos órgãos ou ideias em nosso entendimento...**

- ... e se tais ideias – todas ou algumas – dependem da matéria, em sua formação. Essas são especulações que, embora curiosas e divertidas, declinarei como estando fora de meu caminho, no objetivo que agora persigo. Bastará, para meus presentes propósitos, considerar as faculdades [intelectuais] do homem, enquanto empregadas sobre os seus objetos.

O homem, assim considerado (i.e. “fenomenologicamente”):

- corpo =

ser extenso, com forma, solidez, tamanho, movimento, etc.

+

- espírito =

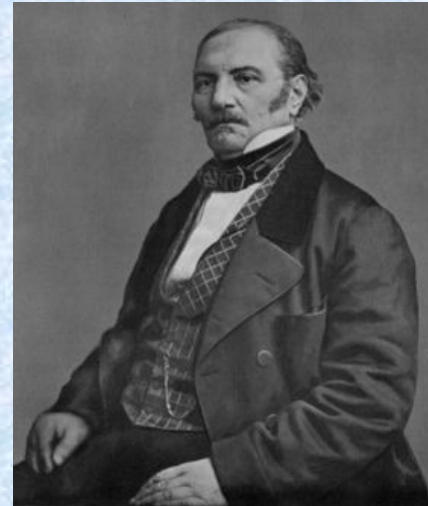
ser pensante, sensitivo, volitivo, etc.

David Hume



- *Um Tratado da Natureza Humana* (1739)
- “Sendo uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nas questões morais”
- → “Ciência do homem”,
ou “Ciência da natureza humana”

Allan Kardec



- *Obras...* (1857-1869)

Sendo uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nas questões acerca da sobrevivência

- → “Ciência espírita”

II - Como estudar a sobrevivência cientificamente?

- Allan Kardec: a questão da sobrevivência passa a ser:
 - o espírito (= ser pensante) sobrevive à morte do corpo?
- Ao contrário da questão filosófica e religiosa clássica, essa questão pode ser tratada cientificamente

Deve-se distinguir entre:

- Estudar *cientificamente* a sobrevivência do espírito **de**
- estudá-la dentro do referencial teórico e experimental *das ciências naturais*

“Face” fenomenológica do espírito:

- pensamento
- vontade
- sentimentos

Investigar se isso permanece

→ **Buscar *padrões (patterns)* inteligentes**

Não importa o *meio* de sua manifestação

Uma analogia:

Verificar a existência de uma pessoa “viva”

- carta
- e-mail
- mensagem morse
- telefonema
- visão direta *com* manifestação de pensamentos e sentimentos

- Tanto o espírito do “vivo” como o do “morto” são, em si, inobserváveis sensorialmente
- Toda evidência de sua existência é indireta, mediante o padrão inteligente exibido por algum meio (comportamento corporal, símbolos diversos)

George Berkeley

A Treatise concerning the Principles of Human Knowledge [1710], § 27

- Um espírito é um ser ativo simples e não-dividido. Enquanto percebe ideias, chama-se *entendimento*; e enquanto as produz ou opera sobre elas, *vontade* (will). Logo, não se pode formar uma ideia de uma alma ou espírito. ... A natureza do espírito é ... tal que não pode, em si mesmo, ser percebido, sendo-o apenas pelos efeitos que produz.

idem, § 137

- **Da opinião de que espíritos devem ser conhecidos da mesma maneira que uma ideia ou sensação surgiram muitos princípios absurdos e heterodoxos, bem como muito ceticismo sobre a natureza da alma. É até mesmo provável que tal opinião tenha levado alguns a duvidarem se eles têm, afinal, uma alma distinta de seus corpos, ao não conseguirem descobrir, dela, alguma ideia.**

idem, § 145

- **Do que vimos, fica claro que não podemos conhecer a existência de outros espíritos senão por meio de suas operações, ou ideias por eles excitadas em nós. Percebo diversos movimentos, alterações e combinações de ideias, que me informam que há certos agentes particulares semelhantes a mim, que as acompanha e contribui para sua produção.**

idem, § 145

- **Portanto o conhecimento que tenho de outros espíritos não é imediato, como o conhecimento de minhas ideias, mas depende da intervenção de ideias que eu possa relacionar a agentes ou espíritos distintos de mim, na qualidade de efeitos ou signos concomitantes.**

Portanto, os dois casos

(o do espírito da pessoa “viva” e o da “morta”)

***são epistemologicamente
idênticos***

Kardec, *A Gênese*, cap. 1, n. 14:

- “Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental.”

(cont. - 1)

- “Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis.”

(cont. - 2)

- “É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação.”
- “As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.”

Kardec (*A Gênese*, cap. 4, § 11)

“Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, prende-se a uma ordem especial de ideias que não são do domínio da Ciência propriamente dita e das quais, por este motivo, não tem ela feito objeto de suas investigações.

A Filosofia, a cujas atribuições pertence, de modo mais particular, esse gênero de estudos, apenas tem formulado, sobre o ponto em questão, sistemas contraditórios, [...] sem outras bases, afora as ideias pessoais de seus autores. Tem, pois, deixado sem decisão o assunto, por falta de verificação suficiente.”

(cont.)

“Esta questão, no entanto, é a mais importante para o homem, porque envolve o problema do seu passado e do seu futuro ... O que lhe importa saber, antes de tudo, é de onde ele veio e para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, qual a sorte que lhe está reservada. ... (Gênese, cap. 4, § 12)



As contribuições de Kardec para a ciência espírita (CE)

- Percebeu que uma CE era possível
- Desenvolveu um método de pesquisa apropriado
- Delimitou precisamente o objeto de estudo da CE, evitando que fosse confundido com o das ciências naturais

(cont. 1)

- Escolheu criteriosamente os fatos mais relevantes para a CE (“mediúnicos” e “sonambúlicos”)
- Estudou-os e registrou-os da forma mais detalhada e fiel que pode
- Procurou criar, na SPEE e nos centros associados, uma cultura de investigação e análise dos fatos

(cont. 2)

- **Tratou de construir as bases de uma teoria espírita, capaz de concatenar e explicar os fatos**
- **Evitou enxertar nessa teoria conceitos e teses de áreas científicas que não lhe dizem respeito**

(cont. 3)

- Cuidou para que a teoria espírita não conflitasse com as ciências ordinárias, naquilo que tenham estabelecido como “verdades práticas”
- Percebeu que nem tudo nas ciências tem esse estatuto (*Gen. 1.55; RE, 7/1868, “A geração espontânea...”*)

(cont. 4)

- Respeitou os cientistas acadêmicos em suas áreas de especialização, mas não se iludiu em conferir-lhes automaticamente autoridade em questões da alçada do Espiritismo.

(cont. 5)

- Reconheceu a existência de questões em aberto
- Sugeriu diretrizes para a sua investigação futura
- Evitou atitudes dogmáticas, ou místicas – ambas contrárias à índole da filosofia e, portanto, da ciência



Embaraços à investigação da sobrevivência - I

- Considerar a questão metafísica ou “sobrenatural”
- Considerar que o assunto já foi analisado e a conclusão foi negativa
- Considerar que o que há de importante sobre o espírito já é investigado pela psicologia, etc., dentro de um referencial materialista
- Considerar que esse referencial materialista foi “provado” pela ciência

Embaraços à investigação da sobrevivência - II

- Tentar “detectar” o espírito por meios diretos
- Tentar “mensurar” o espírito
- Só considerar válida a evidência “reprodutível”
- Tratar o assunto de forma puramente experimental, sem preocupação com o desenvolvimento de uma teoria que explique os fatos
- Trabalhar com fragmentos teóricos (hipóteses isoladas)

Embaraços à investigação da sobrevivência - III

- Adotar enfoque dogmático ou preconceituoso
- Misturar ou conivir com o misticismo
- Descuidar do rigor

